

# A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 35600 rs. — Semestre 15220 rs. —  
Trimestre 15000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 5. — SABBADO, 2 DE FEVEREIRO DE 1856.

PROVINCIAIS — FRANCO — Anno 15000 — Semestre 25100  
Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 35000 rs.

## REVISTA POLITICA.

Levada de assalto em 9 de setembro a torre de Malakoff, ficou nas mãos dos aliados este ponto culminante que senhoreia a cidade meridional, a bahia da querena, e o arrabalde de Karabelnaia: Malakoff é a chave de Sebastopol, a sua queda terminou em poucas horas o memorável cerco de um anno. As columnas francezas duas vezes devastadas pela metralha, carregam de novo com um impeto, de que os generaes deram exemplo pagando com a vida. A victoria foi comprada bem cara; mas, conquistaram-se as fortificações, e coube aos francezes a gloria de primeiros que hastearam pendão triumphante sobre a torre, cuja tomada trouxe com si o rendimento de Sebastopol. Ainda restavam defezas a Gortschakoff; mas desesperou de poder sustenta-las. Fieis á tactica de 1812, os russos fizeram voar suas muralhas, destruíram armazens e arsenaes, queimaram ou metteram a pique os seus derradeiros vasos de guerra á excepção de alguns barcos de vapor refugiados n'uma enseada interior entre os fortes de Santa Catharina e Constantino; apoz isto as guarnições retiraram-se precipitadas, por uma ponte de barcas que depois interceptam, para os fortes e quartéis sitos no lado septentrional da bahia grande; e dado o tempo a explosões de minas e ás indagações indispensaveis, os aliados occupam a praça no dia 11, tratando de apagar os incendios, de reparar algumas fortificações e casernas, e demolir outras que lhe não convinhão.

A importancia d'este successo, que alguns e mais geralmente consideram um brilhante feito de armas e que outros graduam em o numero dos acontecimentos de significação escaça, pode avaliar-se em poucas palavras! Para nos convencermos da verdade, cumpre attender ao empenho que de parte a parte os russos e os aliados faziam na posse da praça. Não é um commettimento vulgar este da Inglaterra e da França levado a effeito a oitocentas e mais leguas de distancia de suas fronteiras: se pensarmos nos esforços necessarios para transportar áquella longiquo solo, homens, cavallos, material de guerra e munições de toda a casta.

Se nos recordarmos de que os exercitos alliados desembarcaram na Crimea em julho de 1854, começaram as obras, em outubro, a 800 toezas da praça abrindo perto de 12 leguas de entrancheiramentos n'um terreno granitico admiravelmente apto á defeza, continuando até chegar a 50 braças das posições russas; se mettermos em conta os rigores d'um inverno prolongado, a servicia das enfermidades que rareavam as fileiras, os combates heroicos que as tropas tiveram de sustentar para tomar novas posições sem nunca perder um palmo das já adquiridas; se fizermos resenha dos generaes mortos e dos soldados que de parte a parte montam para mais de cem mil homens! não poderemos em consciencia deixar de confessar que o cerco e tomada de Sebastopol iguala, se não excede, os feitos historicos, antigos e modernos, de igual natureza.

A sua importancia está comprovada pelos resultados moraes; sendo não menos importante empreza pelos resultados materiaes. A tomada de Sebastopol produziu o exterminio da esquadra russa no mar Negro, e a destruição d'um posto militar e maritimo que havia custado somas immensas; n'uma palavra, o poder naval que preparava sua armada para conduzir o principe Constantino a basilica de Santa Sophia, que seria ali sagrado imperador do occidente, desapareceu sumido no fundo do

mar ante o arrojo e valor dos alliados, cuja superioridade militar é incontestavel. O celebre testamento de Pedro o grande era um sonho delicioso que a alliança nos povos illustrados quebrantou e desfez, e que não poderá talvez ser repetido e affagado.

Assim passaram os principaes acontecimentos militares do anno de 1855, e que pareciam preludios de outros nada menos consideraveis n'este que vae correndo, salvo serem atalhados por efficazes negociações pacificas. E se não vejamos.

A Russia estava quasi assediada: na Crimea perdeu Eupatoria, Kertch, Yeni-Kalé, e a cidade e porto de Sebastopol; na embocadura do Dnieper Kinburn; e os navios alliados dominavam no mar d'Azoff ameaçando as duas respectivas costas da Europa e da Asia.

No Baltico as naves russas não deram mostra de si para obstar á destruição de Sweaborg, e os soldados moscovitas abandonam Petropaulowski na America russa deixando áhi os alliados de posse do oceano Pacifico. Por toda a parte vemos a liga occidental manifestando a sua vigorosa e activa existencia ao poder ambicioso que viera perturbar a paz do mundo.

A unica compensação que a Russia teve de tantos desastres deu-se na Asia; O general Murawieff sae de Tiflis á frente de 60:000 homens com animo de promover uma diversão dos exercitos alliados, limitando-se ao principio ao bloqueio de Kars e sitiando-a depois pela fome.

Esperou-se que a Turquia enviasse grandes reforços e soccorros á cidade cercada, cuja guarnição, ainda que repelle o assalto de 29 de setembro que custa aos russos seis mil homens, capitula em 27 de novembro ao cabo de um sitio de seis mezes, sustentado com inaudita tenacidade entre as privações quasi absolutas, as doenças e sobre todas a peste, que debilitavam as forças dos defensores. Foi enviado Selim-pachá em auxilio da praça; mas a insubordinação por um lado e a escassez de recursos por outro malograram a empresa; e não foi mais afortunado Omer-pachá, escolhido pelos generaes alliados, para se collocar á frente das tropas musulmanas, porque lhe obstarão as mesmas causas. Depois de Kars, a praça mais importante é Erzerum, na direcção da qual teve de marchar o general turco, em vez de seguir pelo caminho de Kutais, por onde esperava renhir-se com os circassianos da Schamyl. A passagem do rio Ingour, jornada honrosa para as armas turcas, não impediu a catastrophe de Kars; e no entanto veio a estação paralisar as operações dos contendores, salvando os demais pontos dos ataques do general Murawieff. O *Invalido russo* quiz dar áquella acontecimento, importante até certos respeitoes, um caracter de summa gravidade que o tempo se encarregaria de desvanecer continuando a campanha; mas, emfim, era um desafogo permitido a quem tão pezados golpes recebia em toda a parte. Até os poderosos são frageis no infortunio!

A causa dos occidentaes, tendo já adquirido no preterito anno a leal e activa cooperação da Sardenha, conta um novo aliado na Suecia: o tratado que o governo d'este reino assignou em 21 de dezembro com os de França e Inglaterra, comprehende dous artigos; pelo primeiro obriga-se a Suecia a não permittir que a Russia occupe parte alguma do territorio sueco e não lhe ceder direitos de pastagens ou de pescarias, repellindo quantas suggestões em tal sentido lhe possam ser apresentadas; pelo segundo as potencias occidentaes obrigam-se a au-

xiliar o rei da Suecia com esquadras e exercitos para rechazar qualquer aggressão da corte de S. Petersburgo.

O tratado superficialmente visto, parece ser por sua natureza de limitadas consequencias; mais do que tratado de alliança, inculca ser um pacto de seguro na previsão de certas eventualidades. Porem a imprensa ingleza suppoem a existencia de artigos secretos, que outorgam aos occidentaes a faculdade de estabelecerem depositos e hospitaes, e a mui consideravel vantagem de invernaem nos portos do Baltico pertencentes á Suecia. Certo é que esta ultima potencia está fora da influencia russa, e bem que a sua inimizade date de seculos; os primeiros successos, se os preliminares de paz não os abafarem ou se tardarem, virão aclarar o mysterio d'aquelle convenio, que é tão grave que provocou a reunião de um conselho militar na corte da Russia.

Depois da guerra, as questões mais importantes suscitaram-se em Napoles, na Dinamarca, e nos Estados Unidos.

De ha muito que a imprensa de Londres registava actos do rei das Duas-Sicilias e os censurava como arbitrarios, por outra parte os jornaes de Paris acrimosamente combatiam a politica repressiva do mesmo monarcha, que chegou talvez a persuadir-se de que tão violentos e repetidos ataques encerravam algum pensamento politico, como o de resuscitar sympathias a favor da familia Murat contra a dynastia que tem occupado o throno napolitano. O governo do rei Fernando deu patentes demonstrações de resentimento contra os alliados, e além da prohibição de se exportarem de seus dominios os cereaes, que depois foi levantada, houve duas recusas de satisfação, que ambas podem considerar-se questões de etiqueta; uma quanto a admittir um diplomatico francez no seu camarote do theatro pessoas desaffectedas ou suspeitas para o governo de Napoles, de que se originou uma aggressão ao caracter d'aquelle, e da qual recahiram as culpas sobre o perfeito de policia, Mazza; a segunda, quanto a deixar de ser retribuida n'um porto principal da Sicilia a salva de navios de guerra das potencias occidentaes, que tinham ali arribado; d'este incidente deu-se depois uma desculpa frivola, e não teve seguimento: predispunham-se os successos para um rompimento da França e da Inglaterra com o rei Fernando de Napoles; esta ultima chegou a fazer apercebimentos navaes, e até houve quem fallasse em ser bombeada a capital das Duas-Sicilias; mas, por fim das algumas explicações, e dimittido o celebre director da policia napolitana Mazza, que até ali gozara de favor e preponderancia na corte, applanaram-se as difficuldades e cessaram as desintelligencias sem chegar á quebra das relações e caso de guerra.

O pagamento do imposto pelos navios que passam o estreito do Sund para o Baltico tem sido impugnado pelos Estados-Unidos da America do norte, que invocando o principio da liberdade dos mares querem privar a fazenda publica da Dinamarca das consideraveis sommas que d'alli recolhe; o gabinete dinamarquez allegando a despeza com os pharoes e outras, communicou a todos os governos uma exposição manifestando o desejo de compor este negocio n'um congresso, que não tem podido realisar-se em consequencia da negativa dos Estados Unidos, que propoem um convenio de indemnisações ajustadas sem conferencias diplomaticas.

M.

Os artigos, que vamos publicar tinham sido destinados para apparecer, como na realidade appareceram em parte nas columnas de alguns jornaes politicos d'esta capital a que prestava-mos a nossa mingua de collaboração. Escriptos muito de corrida, impressos immediatamente depois de escriptos, saíram elles á luz incompletos e mutilados, privados de alguma correção, que o auctor lhe poderia infligir, se as necessidades d'aquellas publicações, não exigissem tão demasiada brevidade.

Ainda assim, transcriptos, como foram n'alguns periodicos de opiniões bem diversas, convenceram-nos, não do seu merecimento, mas da importancia do seu assumpto, que não é exclusivo de uma parcialidade politica, mas de todas, porque a todos pertencem e todos os adoptaram.

Por isso, e animados por tão bom acolhimento, reunimos esses fragmentos dispersos, accrescentamos-lhes o que tinhamos lido e visto, bem como o que então tencionavamos publicar, e providos com estes materiaes, viemos procurar-lhe lugar n'uma publicação litteraria, collocação, que nos pareceu mais apropriada e protectora para o nosso fim.

O empenho, que temos tido em semelhantes questões e que nos tem levado até hoje, pouco habilitados, a escrever a seu respeito; a indulgencia, que o leitor deve prestar a escriptor inexperiente; a practica de alguns annos passados em quasi todas as escolas, e a animação que encontramos em pessoas respeitaveis do magisterio e da litteratura, nos incitaram ainda d'esta vez a publicar este trabalho. O seu fim não é, nem podia ser apresentar os verdadeiros alvites n'uma questão excessivamente escabrosa, como esta é; mas sim attrahir a attenção de todos sobre este ponto tão importante e chamar os habilitados a terreiro, e ao campo da discussão. Se o alcançarmos, ainda mesmo em parte, teremos conseguido muito, e este nosso trabalho não poderá, com justiça, ser classificado como futil ou desnecessario.

#### A INSTRUÇÃO PUBLICA EM PORTUGAL.

##### I

##### CONSIDERAÇÕES GERAES.

Se, atravessando os seculos, considerarmos a humanidade em todas as suas transições encontraremos o progresso, lei immutavel, acompanhando-a nas mais duras provas, seguindo-a nos maiores reveses e dirigindo-a sempre para a civilisação e para o saber.

Como o homem a sociedade teve periodos de infancia e de virilidade: como elle pediu n'esses primeiros tempos jogos e divertimentos, como elle na juventude teve desvarios e cometeu erros; mas hoje, que talvez attinge a virilidade, não lhe aprasam os brinquedos da infancia, não prosegue nos desvios da juventude, e procura a verdadeira estrada, a da instrucção e da sciencia, unica que pôde conduzir á perfectibilidade.

Em todos esses tempos teve occasiões de aberração e delirio. Então inflamada por desejos de possessão, arrebatada pela febre de dominar levava a guerra e o exterminio ás visinhanças e não contente com o mundo, que conhecia, procurava novos mundos onde commettesse esses excessos, onde espalhasse a devastação e a ruína, que sempre acompanhavam as suas conquistas.

N'essas horas terribes as aspirações civilisadoras da natureza humana não enfraqueciam. A par dos conquistadores surgiam os philosophos e os sabios, que reconstruam, com a palavra ou com a penna, sociedades, que a espada tinha destruido: a par dos que tinham por destino aniquillar gerações, appareciam outros, que tinham por missão organizar, e melhorar os povos desenfreados, e enfurecidos.

Esses tempos todos tiveram monumentos seus. A historia reservou inexoravel uma das suas paginas para cada um d'elles. Ficaram; negras ou brancas, ensanguentadas ou beneficas têm fallado as gerações passadas e fallam-nos tambem a nós como de futuro aos vindouros, ensinando n'esses confrontos e antinomias o verdadeiro caminho, que cumpre seguir, enobrecendo as sendas tortuosas da perdicção, esclarecendo com a verdadeira luz a estrada da felicidade.

Nos primeiros seculos, idade de ferro, vemos a espada devastando e perseguindo gravar na fronte dos vencidos e no terreno dos escravizados os nomes orgulhosos dos vencedores. É que os povos então, como a terra cheia de urzes e matto, precisavam de um amanho efficaz, de uma lavra profunda, que os livrasse da esterilidade e das plantas daminhas.

Depois já esses monumentos não bastavam. O vento das tormentas varria a face do solo, a chuva das tempestades fazia reverdecer os matagaes, a face do vencido perdia a marca da escravidão e o opprimido tornava-se muitas vezes oppressor. Outros padrões eram precisos para reardar os feitos dos homens, ia começar outra época, a idade de pedra.

Os seios das montanhas e os leitos dos rios privaram-se dos rochedos, são fillos seculares em favor dos homens, seus fillos tambem, mas de sua duração mais curtas; e as ribanceiras dos mares ou os alcantis das serras foram escolhidas pelo rei da criação para lhe darem uma existencia que a natureza lhe negava.

Ainda hoje pasmamos ao encarar e nas moles vastissimas, edificios brutos, que só fascinam pela immensidade,

de, ou esses arrendados labores que enlevam pelo aprimorado da fabrica e pelo arrojado da concepção. O granito succedia á espada; o marmore ao ferro; os disticos gravados pelos prisioneiros, ou as columnas trabalhadas pelos escravos, que solemnizavam o nome dos carcereiros e dos senhores ás demarcações de terrenos; e á escravidão domestica.

Quantos monumentos d'esses não tem sido reduzidos a ruínas pelas mãos do tempo! Quantos d'esses penedos veneraveis não tem ido procurar no interior da terra o repouso a que os tinha arrancado a mão do impio? O arrojado dos architectos, a ousadia dos fabricadores tinham de céder perante o Omnipotente, e esses titans atrevidos tinham de se prostrar humilhados perante a vontade d'aquelle cujas obras sómente são immortaes. Essas machinas eram condemnadas a perecer; essas grandezas deviam ser aniquilladas, e para o homem, ente fragil, estavam sagrados outros monumentos tão frageis como elle na essencia; mas como elle tambem, partilhando da natureza divina, ennobrecidos pelo pensamento, engrandecidos com a alma, sopro da divindade, que só como ella e por d'ella provir pode zombar da morte.

Na Allemanha, berço da geração moderna, creou alicerces esse monumento admiravel, e o mundo gravou no seculo XV, uma das maiores datas da humanidade. Entre as mãos de artistas tinha elle de nascer, como já quatorze seculos antes do sangue de um artista nascera a remissão dos homens, porque é sempre de baixo, que surgem essas reformas destinadas para nivelar as classes. Nos berços plebeos, onde se criou o Redemptor, foi onde viu a luz essa nova potencia de força incomensuravel, que não pouco devia contribuir para a evangelisação das turbas. Nasceu a imprensa, appareceu o livro, elementos destinados, embora pouco ruidosos, a fazer em favor dos povos mais do que o ferro e a pedra tinham feito até então. A palavra tomava corpo, ia invadir as fronteiras de todos os povos, tomar o mundo para patria e beneficiar as nações, que gemiam na oppressão e na ignorancia.

Desde então as sociedades ganharam mais em annos, do que tinham adquirido em seculos até esse tempo: começavam a conhecer o valor todo d'essa preciosa dadiwa, e, avaliando-lhe as consequencias, a predispor-se para lhe colher o fructo.

O antigo mundo já parece uma patria acanhada em demasia para tão grandiosa invenção. Christovão Colombo e Fernando Cortez alargaram-lhe os limites e espacearam-lhe os terrenos. As artes e as sciencias á porfia conheceram, que se deviam preparar para a receber, que deviam augmentar os seus territorios para que, devassados em breve, não parecessem apoucados e mesquinhos: e, dentro em pouco, cada um dos ramos dos conhecimentos humanos collocava mais um tropheu nos porticos dos seus templos.

A politica e a historia apresentam Carlos VI e Machiavel, vultos gigantes, que as desenvolvem e engrandecem. A philosophia e a moral recuperam forças com os escriptos de Kempis e Rabelais; de Montaigne e de Pascal Copernico, Ticho Brahe, Kepler e Gallileu abrem novos horizontes á mathematica e á astronomia. Tornicelli e Darbelio descobrindo o barometro e o thermometro fazem á phisica uma presente de alto valor e cujos resultados se hão de estender a todas as sciencias. Paracello e Hoffman, medicos de grande nomeada enriquecem os archivos da sua sciencia com os seus trabalhos e escriptos.

As artes ressentem-se deste impulso civilisador. São Pedro de Roma deixa soletrar nas suas columnas os progressos da architectura. Vau-Eck descobre a pintura a oleo e dá nova feição á sua arte. Arioto e Tasso, naturezas bem fadadas, soltam esses canticos inspirados, que ainda hoje nos enlevam com a sublimidade e nos deslumbram com o vigor do genio.

Neste cantinho do mundo, que nos destinou a providencia, que feitos grandes, e quantos grandes homens não seguiram o descobrimento da imprensa?

Na villa de Sagres o infante D. Henrique institue uma escola de mathematica e navegação, d'onde hão de partir os grandes descobridores, onde se hão de desenvolver sabios, que devem um dia fazer pasmar o mundo. Bartholomeu Dias e Diogo Cão, que têm de ser seguidos, mas não escurecidos por Fernando de Magalhães e Vasco da Gama, por mares nunca d'antes navegados, percorrem novos hemispheros, e desenrolam a bandeira dos portuguezes nas regiões mais desconhecidas. Pedro Nunes desenvolve um talento mathematico da maior transcendencia, e occupa na historia das sciencias uma pagina de gloria e D. João de Castro ao mesmo tempo, que prima nas artes militares, ao mesmo tempo, que sustenta em longes terras os direitos dos portuguezes, deixa nos annaes da sua patria um nome honrado raras vezes imitado e nunca excedido. Garcia de Resende grava em letras immortaes os altos feitos de seus compatriotas, e Bartholomeu dos Martyres, o varão por excellencia, illustra os factos da igreja, e deixa-nos que a par dos virtuosos e dos ecclesiasticos venerandos lá de fóra, possamos antepor um dos nossos que lhe não é somenos, e que não nos envergonha, ainda mesmo collocado ao pé d'aquelles que deixaram maior fama de si.

Separados entre si por alguns annos, e afastando pouco da data em que a imprensa appareceu pela primeira vez na Europa, estes grandes homens, e outros mais, não em pequeno numero, collocavam-nos em lugar avançado nas fileiras dos povos: finalmente, para que em todos os

pontos mesmo entre nós, essa epocha fosse acompanhada de relevantes monumentos, as virtudes da rainha D. Isabel, a rainha piedosa, recompensadas pela igreja, e o seu nome collocado no numero dos santos, deviam offerecer aos fillos da sua patria mais uma valiosa intercessora para com o Omnipotente, mais uma esperanza de salvação, um exemplo mais da misericordia divina.

Quem ha ahi tam esquecido das cousas patrias, que não se ufane com os escriptos de Luiz de Camões, ou que tenha menos presente a escola quinhentista, florido jardim, onde vamos, ainda hoje, colher as mais mimosas flores, aspirar os mais deleitosos aromas de linguagem e de puritanismo?

Quem ha, que uma vez ao menos não tenha admirado esses modelos, essas harmonias, pasmado perante essas bellezas?

É que n'esse tempo acompanhando a Allemanha todas as nações corriam a passos largos para o aperfeiçoamento, é que o Portugal de então na força do vigor, no zenith da gloria não era de ficar surdo á voz da humanidade, não era de não recusar o seu auxilio vigoroso e valente a empresas de tanta utilidade, a trabalhos de tanta monta.

Effectivamente, n'essas eras de esplendor estradas desapercebidas se abriam para as intelligencias insaciaveis. Não havia mysterio, que se não tentasse devassar, arcano que se não procurasse esclarecer. Foi então, que de conquista em conquista nos levaram á actualidade, em que nos não espanta invento algum, em que nos não assombra progresso algum e em que ninguém duvida, que seja llado á humanidade descer do impossivel.

N'este espaço de quasi dous seculos, de Gutthemberg, em que tiveram lugar os factos que apontamos, tambem apparecem erros dos homens, que talvez a imprensa ajudasse a propagar. Pode ser, que, d'então para cá, muitas obras, sem o seu auxilio, não tivessem tido voga, nem houvessem saído das cabeças enfermas dos seus auctores. Mas qual é o grande facto, por mais justo que pareça, ou ainda que seja, que não tenha custado bastantes maguas á sociedade, e que a não tenha privado de fillos seus e dos mais queridos?

Outrora as doutrinas de Christo, propagadas pelos seus apostolos, levaram os cathecumens ás fogueiras e ao circo; os monjes pregando as cruzadas impelliam milhares de fanatisados, por longes terras, á morte ou ao captivo; os schismaticos e os catholicos, mais proximos de nós, inundavam regiões inteiras com sangue humano, assassinavam-se como feras, e nem perdoavam aos seus inimigos captivos ou feridos, innocentes ou culpados.

Para nós, como para estes, tambem ha hoje uma *boa nova* para pregar, uma doutrina para seguir. Missionarios da instrucção, os que desejam a sua propaganda teem uma cruzada sua, uma missão tambem sua, a civilisação. As suas armas são os livros e as idéas, o seu alcance preparar a creatura para o seu mais elevado destino, tornar o homem digno de si e habilitar-o com a perfeição de espirito e o desenvolvimento da intelligencia para, mais humilde ainda, prostrar-se perante a infinita grandeza do Senhor.

N'este empenho de ha muito e por muitos temos sido precedidos; por muitos mais e por maior espaço o contámos ser ainda. Assim esperançados lançamos a nossa semente á terra, contando com que cultivadores mais aptos a ajudem a desenvolver. Na construcção d'este edificio somos obrigados todos a trabalhar, e aquelle, que por falta de forças, como nós, não possa accarretar nem um grão de arêa, concorra com os bons desejos e não lhe poderá caber o stygma de mau cidadão. Colmea vastissima, uma nação tambem contem zangãos; mas na hora do castigo são estes repellidos e lançados fóra, para se conservarem somente os que procuraram trabalhar.

Foi nosso intento, começando este trabalho, considerar todos os pontos, que teem relação com a instrucção e que se lhe referem mais ou menos directamente. Limitar, como em geral, se tem feito, o ensino ás escolas, é supôr que só os que as frequentaram ou frequentam, podem saber; é supôr, que um paiz onde não houver instituições d'estas não passa do estado selvagem. Segundo nos parece, ainda que d'aqui provenham, em grande parte os conhecimentos humanos, ellas não constituem a sua fonte unica, nem, o que mais é, são por si só capazes de civilisar qualquer povo. O Clero, os Livros, os Jornaes, as Bibliothecas, os Theatros, as Assembléas, onde se discute, os Gremios, onde se fazem palestras são meios energicos de vasto alcance e por isso dignos de maior attenção.

Tractaremos de cada um d'elles em separado e por essa occasião, fazendo as reflexões, que nos occorrerem, exporemos os alvites que nos parecerem uteis á instrucção: finalmente quando, a seu tempo, chegar a vez das escolas, tratando de cada um dos ramos de ensino em particular, lembrando os diversos systemas, que em semelhante materia, teem adoptado os publicistas; discutiremos as suas vantagens, e diremos qual nos parece applicavel entre nós. Digno de maiores posses é, como se vê, o assumpto; não o encetámos porque tivéssemos presumpção de nós mal cabida, ou atrevimento mal fundado; outros foram os nossos fins, de novo fazemos profissão de fraqueza para que de futuro nos não attribuem intenções, que não tivemos.

Como dissemos já, o clero é uma das potencias, que

mais cooperam para a civilização e o ensino. A sua preponderância passada, a influência, que ainda hoje tem sobre o povo, o confessorio e o pulpito habilitam-no para promover muitos benefícios em favor da instrução como também lhe dão a faculdade de prejudicar consideravelmente os seus progressos.

Será de seu respeito, que primeiro nos occuparemos a sua antiguidade, a sua augusta missão, a magestade do seu character assignam-lhe o primeiro lugar. O poder, que lhe reconhecemos, obriga-nos a collocar-o assim e n'esta posição será, que o estudaremos mais em detalhe no proximo capitulo.

Continúa.

R. PAGANINO.

#### D MANUEL JOSÉ QUINTANA E A LITTERATURA CASTELHANA MODERNA.

##### III

Com os predicaos politicos e com as virtudes governativas que recommendavam aquelle reinado, era natural que d'elle datasse em Hespanha uma nova epoca de restauração e de esplendor para a litteratura castelhana. O pensamento refoge e a impressão se odia instinctivamente a tyrannia. Sob o regimen despotico, ter talento é um peccado original, que só se apaga pela servil imitação; manifestal-o um crime a que serve por vezes de capitulo o carcere e o alzo de galardão. Nos estados em que o poder recata clemente a memoria das suas prerogativas, bem como nas republicas onde a extrema e suspicaz democracia nivela todas as vocações e uniformisa todos os talentos o génio é uma rebellião ou nova arrogancia. A monotonia é então a norma da sociedade. Ter mais inspirações do que o soberano, é uma irreverencia. Ter mais merito que o povo uma vaidade. As letras romanas perdem-se com a dominação brutal dos imperadores, de manhã victoriosos, sobre os pavexes e alamedas á noite pelas ascumas dos pretorianos. Em Sparta as letras nunca poderam nascer, porque as leis e os costumes da republica, educando os cidadãos para morrer por ella, lhes defendiam como talentos funestos as artes que elevam a intelligencia acima do estreito solo da patria.

A litteratura, quando verdadeira, generica, não é senão uma das multiplices manufacturas da liberdade. Das duas luzes que a allumiam, a razão assombra os potentados pelas suas provas, a imaginação pelas suas seducções. Nenhum poeta, digno d'este nome, ousou ainda manchar a lyra, celebrando as orgias do despotismo, ou encarecendo as iniquidades das dictaduras sanguinarias. Séneca prefere a morte com os estoicos á adular o tyranno da sua patria. Chenier, com um pé sobre o cadafalso, acha ainda no fervor republicano o som dos ultimos cantares, e expira saudando a liberdade, e desdenhando dos seus simulados e ferocissimos cultores.

Ha poetas cortesãos que adulam em canticos sonoros os crimes dos seus patronos e senhores. Mas é este o abuso do talento blasphemia da poesia, e sacrilegio da litteratura.

Waller fazendo n'um dia o panegyrico de Cromwell, e prodigalizando no outro os elogios a Carlos II, deu á posteridade o direito de distinguir no mesmo homem o poeta nacional, e o versejador inconsistente e mercenario, trocando pelo ocio da corrupção e da vaidade as strophes glaciaes e os extasis fingidos do servilismo cortesão. Dryden nas letras inglezas um dos patriarchas do bom gosto, e cita-se com orgulho o cantor de Palamon e Arcite para esquecer a adulção que dictou o poemaaulico de *Ab-salon e Achistophel*, Milton é celebre, porque esqueceu as malquerenças partidárias da sua patria, para celebrar em rasgos inspirados e em liberrimas inspirações a queda e a redempção da humanidade. A aureola momentanea do libellista de partido, passou e esqueceu fluscada pela corôa radiante do *Paraíso perdido*.

D'estes homens que a Providencia vae repartindo escassamente pelos seculos, e investindo na augusta magestade da poesia, houve já por ventura algum, que andasse animado e bemquisto em cortes de potentados, ou agasalhado e bemavindo em curias de patricios ou em comicios de facções? Homero cantou reis, mas não cantou para elles. Independente como o génio, e soberano como a razão humana, o cantor errante e desvalido, dedignou-se de estanciar no peristyle dos monarchas. O Dante é o Homero da idade media, o Homero do christianismo, o fundador do segundo cyclo poetico. Onde cantou? N'uma republica. Como viveu? Nas agitações da liberdade. Onde morreu? Proscripto.

A idade media acaba quando na Allemanha se levanta a primeiro grito da reforma. A primeira restauração das letras começa com ella, porque a reforma, annuncia a ordem politica a liberdade. Quebram-se os ferros ao pensamento; interroga-se o passado, contempla-se o presente; antegostam-se os direitos civicos; prevê-se a magestade popular; acordam as lyras antigas; temperam-se as modernas; colligem-se os thesouros da erudição e começa em toda a Europa esta vasta e profunda elaboração que fez do seculo XVI a aurora do seculo em que vivemos.

Acalmada a procella revolucionaria, o despotismo ergue-se sobre as ruinas d'aquellas tremendas luctas europens. As letras adormecem em quanto véla a espada absolutista. A auctoridade prevalece sobre a razão, e a irri-

tação sobre o talento. O despotismo, na sua dupla forma, de inquietação e de realisação, impõe á sociedade a uniformidade das instituições, e á unidade do pensamento. As letras tem também a sua pragmatica, a poesia o seu codigo civil. É-lhes defesa a liberdade dos vóos, e prescripta como orthodoxa a rasteira imitação. A poesia refugia-se nos campos para não desagradar á auctoridade que a vae escurraçando para as arribanas e estreitando nos redís. Os Menalcas e Alexis de Theocusto e de Virgilio, ressurgem, são a graça nativa dos paizes em que nasceram, e as campinas da Arcadia, e os prados de Mantua e de Syracusa, reaparecem sem o verdor dos primeiros dias, sem o frescor das boninas classicas, sem a fragancia das antigas primaveras. As lyras estalam com vezes modulando o amor insulso na mesma corda, vibrada monotonamente por todos os cantores. O proprio amor, esta paixão cujas leis escarnecem das instituições humanas, e cuja suavidade ermana a largueza do sybarita e a auctoridade do lacedemonio, esta paixão cosmopolita e universal, só pode ser condignamente celebrada, caleando e modelando os canticos que a divinizam nas cansadas imitações da musa antiga. Não é licito amar senão *more romano*. Para ter coração e alma e devaneio de amores, é mister que o amante chame Corydon ou Melibéo, e que segundo a traça virgiliana se figure o descanto de dous pagens, porfiando em requiebro amorosos, e buscando vencer-se com a narrativa dos imaginados infortunios e de desventuras pueris.

Compulesant que greges Corydon et Thyrsis in unum  
Thyrsis oves, Corydon distentes lacte capellas,  
Ancho florentes elatibus, arcades ambo,  
Et cantare paces, et respondere parati.

Do lethargo em que as letras caíram e principalmente a poesia depois da restauração quinhentista, as veio despertar o seculo XVIII, abrindo-lhe pela liberdade do pensamento, largos e desimpedidos mares, por aonde tentam novas e atrevidas navegações, deixado o rumo da rotina, e a bussola da imitação.

Em Hespanha veio a cair a renovação poetica no reinado de Carlos III. Desde então começou uma nova e feliz evolução para o génio nacional. É de Carlos III que devemos datar a revolução que desde Melendez, Cienfuegos, Jovellanos e Quintana nos trouxe por successivas gradações até Espronceda, Gutierrez e Zorrilla.

Não ha na Europa, de certo uma litteratura mais opulenta, mais variada, nem mais imaginosa do que a litteratura castelhana. As musas madrugaram nas Hespanhas, e logo quasi ao amanhecer da litteratura peninsular saltam enfeitadas e louçans, mimosas e fragrantas como se desde largas eras houvessem lidado em tracto cortesão e vivido em fidalga sociedade. Em quanto pelo norte os gelos lhes resfriavam o fervor, e as tempestades lhes destorcavam as madeixas e os nevoeiros lhes imprimiam na fronte a intractavel melancolia germanica, já as camenas castelhanas e portuguezas se coroavam de boninas pelos campos sempre viridentes, e suspiravam amores á sombra grata dos laranjaes, e folgavam rissonhas nas travessuras do romance, ou penavam suas saudades—que são a doce melancolia da nossa peninsula—nas endeixas lastimosas, e nas elegias apaixonadas, sim, mas nunca desesperadas e blasphemias—em que se exhalam na nossa bella Hespanha os queixumes e as desventuras do amor.

Se fallamos de litteraturas primitivas, a das Hespanhas (e n'este nome comprehendendo a Portugal) não é de certo quem haja de arriscar na confrontação com a litteratura estrangeira do seu tempo. Da renascença em diante, poucos poderão vencer-nos em bom gosto e elegancia; nenhum, porventura, na variedade dos genios, e na riqueza proverbial da nossa facil e cadente versificação. Na Hespanha nasceu o theatro moderno, em Portugal se lhe datamos a fundação desde Gil Vicente, em Castella, se lhe damos por patriarcha o buccolico Juan de la Encina. De Hespanha, e nomeadamente do sólo portuguez, nasceu e se alteou em reputação universal a primeira epopeia da civilização moderna, os *Lusiadas*, que são, se o querem, o poema de um povo, pelo nome dos heroes e pelo colorido das tradições domesticas, mas que são também a epopeia da Europa christã, porque celebram o grande feito que inaugurou a moderna historia, a vassalagem moral do mundo inteiro á superioridade intellectual das raças europeas. De Hespanha foi, a Hespanha honrou—filho reverente se bem que da patria maltratado, o autor de *D. Quijote*, o primeiro que em modernas linguas habituou as musas ao riso da satyra discreta, e o que erudimentou a novella moderna com o sal comico, em que excedeu os antigos sem os imitar na soltura do libello.

Com os maiores arrosos militares e politicos do génio nacional coincidio o maior vigor da litteratura castelhana. Uma nação que por uma serie de illustres feitos subiu gradualmente á primasia, então os povos, seus contemporaneos, tem necessariamente uma larga e imaginosa litteratura. A mesma inspiração que arremeça as hostes vencedoras á conquista passa, animada do mesmo espirito de gloria sobre as cordas da lyra peninsular. O estro domina em duas manifestações; diversas, mas concordes o vate e o soldado. Um inspirado por elle; escreve com a espada, a epopeia dos seus feitos, o outro então no alaúde o seu poema. Uns inquietos e humilhados de que não seja a terra toda sua, esboberbam a Italia, subjugam as provincias belgicas, apontam a terra desconhecida, e fundam um

imperio immenso n'uma aventura temeraria, Chamam-se Gonçalo de Cordova, Pizarro, Cortez, Carlos V e João d'Austria. Outras expedições de imaginação dirigem as suas conquistas no mundo intellectual e enriquecem o parnaso nacional, enquanto os outros se enriquecem no novo mundo. Chamam-se Ganilaso e Luiz de Leon, Veneza, e Montemayor.

Com a decadencia da nação, decae também a litteratura a cada provincia de que o leão hespanhol é forçado a retrair-se, é contar-se uma derrota nova para o engenho nacional. Entablado o vigor e o brio da nação, respira o estro nos cantores. Aos grandes capitães haviam confundido os grandes poetas. Aos modernos soldados acompanhavam também os vates degenerados. A inquisição estabelecendo-se com poder exclusivo na peninsula, vae pelo mysticismo sombrio, e que seduz a nação, soffrendo as suas antigas arrogancias arretecendo a velha bisarria castelhana. Acode o metro mais franco ás lyras, e sóa menos sursorio e menos clamoso o nome da patria nos campos de batalha. Quando chegámos ao ultimo dos Philippes, a monarchia hespanica tem já perdida a magestade de Carlos V; as provincias e os seus subjugados tem protestado pela rebellião, ou pela independencia, contra o pensamento da monarchia universal. Esquecem-se igualmente de grandes conquistas litterarias; perdem-se os vestigios que haviam deixado os patriarchas da poesia castelhana nasua idade de ouro. Em Villegas começa a musa castelhana a trajar garridices exaquadros, e extravagantes atavios, e desde então se vae á força de concertos, de trocadilhos e de hyperboles vulgarizando a poesia culta e conceptista, e abrindo larga e espaçosa a estrada por onde um dos mais fecundos e mais poderosos engenhos nacionaes, hade constituir o talento e trajar poesia ao ultimo desregramento e corrupção, suppondo levantal-a ás mais sublimes concepções, e aos vóos mais rasgados. É de Luiz de Gonzaga o nomeado chefe e fundador da dynastia poetica dos *cultevanistas*.

Ha talentos previligiados que nascem para corromper, em quanto outros mais felices são predestinados para crear. Para ambas as missões é necessaria a auctoridade de um grande nome e a euergia de um character determinado. No berço da republica romana apparece um grande nome Juno Bruto; no seu occaso brilha grande intelligencia—Julio Cezar. Para fundar a moderna poesia castelhana, busca a fortuna um genio puro, e uma casta imaginação; é Ganelaso. Para degenerar e prostituir a musa das Hespanhas, surge um engenho fecundo, mas indomito, e uma phantasia opulenta, mas obstrusa e desregrada. É Gonzaga.

Este nome ficou para sempre ligado á mais opprobriosa e incerta quadra da historia litteraria da peninsula e como que adjectivado passou a ter lugar entre os mais affrontosos epithetos com que se pode hoje infamar o nome de um máo poeta. Pouca gente da que por officio ou devoção não inquire e estuda as oousas litterarias, se persuade que ha realmente em Gínguar a hypotese incomprehensivel de duas indoles poeticas diversissimas e até contrarias.

Continúa.

J. M. LATINO COELHO.

#### LESAGE.

Os homens de génio superior que a nossa admiração quereria, por assim dizer, canonisar depois da morte, tem a sorte dos santos varões, que depois de terem passado os seus dias na obscuridade e na pobreza, despresados e, muitas vezes perseguidos, obtem para conservação das suas ultimas reliquias, quando já não pertencem ao mundo dos vivos, preciosos envoltorios. A vida de Lesage, como as de muitos outros auctores, que contribuíram liberalmente para o recreio innocente de seus semelhantes, foi laboriosa, ignorada e parcamente sustida pelos seus trabalhos litterarios.

Alain-René Lesage, nasceu n'uma aldeia, visinha da cidade de Vannes, na Bretanha, a 8 de maio de 1668. Seu pai, Claudio Lesage, foi advogado e tabellião; e tanto elle como sua mulher deixaram muito cedo orfão o pequeno Alain. O padre Bochart, jesuita e principal do collegio de Vannes, começou a cultivar no espirito de Lesage o gosto pela litteratura, e só em 1693 veio o joven para Paris, estudar philosophia. Porém a atmosfera da capital influíu sobre o seu genio alegre e franco, e como era dotado de belleza e elegancia, encontrou logo uma mulher da alta sociedade, que repartiu com elle o coração e a fortuna. Depois enamorou-se seriamente de uma encantadora filha do povo, e casou com ella. D'esta doce união nasceram tres filhos e uma filha.

Alfóra a paz domestica que gosava no seio da familia, toda a mais fortuna da sua vida, e até, em grande parte, o seu nome como romancista celebre, o deveu Lesage á amizade sincera do abbade Julio Paulo de Lyonne, filho do afamado ministro do mesmo appellido. Este bom padre concedeu-lhe uma pensão de seiscentos francos, alem de muitos presentes de consideravel valor com que amiudado o brindava; e aconselhou-o a travar conhecimento intimo com a litteratura hespanhola, cuja alliança feliz com a litteratura franceza, teceu a mais bella corôa de romancista ao auctor de que nos occupamos.

Walter Scott, a quem seguimos em parto n'esta noticia biographica e litteraria, diz ácerca da litteratura

hispanhola n'essa epocha o seguinte: Os acontecimentos políticos da Hespanha tinham impresso na sua litteratura um notavel caracter de originalidade. A visinhança de tantos pequenos reinos, tão frequentemente agitados por guerras intestinas, dava logar a muitas aventuras individuais, que não succederiam sob a lei de um só governo regularmente estabelecido. O heroismo romanescos da cavallaria, tão caro aos hespanhoes; a proximidade dos mouros, que haviam importado consigo as fabulas brilhantes e o rico phantasiar da Arabia Feliz; a vehemencia do amor e da vingança, peculiar aos corações hespanhoes; o sentimento da honra, a sua implacavel crueldade, offereciam todos os materiaes do romance ao autor que quizesse aproveitá-los. Se os personagens pareciam algumas vezes gigantescos, ou falsos, o escriptor escudava-se com o caracter da nação que escolhera para lugar da scena. Se os incidentes eram extravagantes ou inverosímeis, um paiz onde tinham estado em guerra por tantos seculos castelhanos e aragonezes, hespanhoes e mouros, musulmanos e christãos, podia fornecer á propria historia, acontecimentos reaes, que desculpassem no romance as mais ousadas invenções. E não se deve deixar de observar n'este ponto que, os francezes, o povo mais alegre da Europa, fundaram o seu theatro sobre as bases de uma eloquencia declamatoria, que nenhuma outra nação tolerava, em tanto que os hespanhoes, graves, serios e regrados, foram os primeiros a introduzir na scena o movimento de intrigas vivas e complicadissimas, os raptos, a mascara e a escada de corda, os gabinetes secretos, a lanterna de furta fogo, os alcapões, e enfim todos os accessorios de uma acção continua e agitada. Sua imaginação inexaurivel serviu-os tão bem n'este ponto que, o theatro hespanhol tornou-se, por si só, uma mina que os autores dramaticos de todos os paizes tem explorado sem cessar ha seculos, e que ainda exploram sem correr grande risco de serem descobertos.»

Lesage começou por traduzir as seguintes peças hespanholas—*La traición busca el castigo*, de D. Francisco de Rojas; *Don Felix de Mendoc*, de Lope de Vega; *No hay amigo para amigo*, de Rojas; *Peor está que estava*, de Calderon, depois verteu do inglez o *Neck or Nothing*, de Garrick; e compoz em seguida a comedia *Turcaret*, violenta satyra contra os financeiros, que foi muito applaudida; a farça *La Fontine*, que também se representou com o titulo de *Arlequim coronel*, e mais de cem vaudevilles, intermedios, e outras pequenas peças para canto, algumas das quaes foram compostas de sociedade com Dominique e Fuselier.

Estes trabalhos ephemeros deram mais interesse do que gloria a Lesage; os seus romances, porém, immortalisaram-lhe o nome. D'elles passámos a tratar. O primeiro, por ordem chronologica, é o *Diabo coxo*, que se publicou em 1707. Posto que o titulo e o plano da obra se-

jam extraídos de *El diablo cojuelo*, de D. Luiz Velez de Guevara, o espirito, a graça, o sabattico do plagiario é tal, que os proprios hespanhoes traduziram para o seu idioma a composição franceza. Seguiu-se-lhe a apparição do *Gil Blas*, que elevou o nome de Lesage ao mais alto grau de celebridade, apesar da inveja dos criticos, que lhe disputaram a originalidade. Entre estes conta-se o proprio Voltaire, e muitos outros compatriotas de Lesage, alem de todos os hespanhoes que trataram do assumpto. Walter Scott pronuncia-se pelo auctor francez, pois que o haver aproveitado algumas scenas de velhos romances da Peninsula, não lhe tira o merito da concepção geral da obra. Corneille e Molière também se inspiraram na litteratura hespanhola. O que talvez serviu de modelo ao *Gil Blas*, foi o já conhecido *Gusman d'Alfarache*, de Matheus Aleman, e ainda o *Lazarillo de Tormes*, com os quaes tem alguma semelhança em varios episodios.

Em 1717 Lesage publicou uma traducção, ou antes uma fria imitação do *Orlando amoroso* de Boyardo; e começou a escrever as memorias de um destemido corsario sob o titulo de *Aventuras do cavalheiro de Bauchêne*, especie de Paulo Jones desta epocha, no mar das Antilhas; nunca, porém, terminou esta obra, pouco apreciada do publico. Em 1732 deu uma traducção, melhor diremos um resumo do *Gusman d'Alfarache*; e, dous annos depois, uma imitação do hespanhol com o titulo de *Fanilo Gonzales*.

O *Bachelar de Salamanca* é o ultimo dos romances de Lesage, ultimo na data e no merecimento. *La valise trouvée* foi a sua derradeira composição, e consiste n'uma miscellanea de cartas sobre diversos objectos.

Não ha auctor de que os escriptos sejam mais conhecidos e admirados do que Lesage, pelos livros que d'elle se citam geralmente; mas também não ha obras mais desconhecidas e esquecidas do que aquelles dos seus trabalhos que o publico recebeu com indifferença.

O primeiro e o terceiro dos filhos de Lesage foram actores, sob os pseudonymos de Montménil e Pittence; o segundo foi conego da sé de Bolonha: este e sua irmã foram a consolação de Lesage na velhice. Estava completamente surdo quando morreu, durante o inverno de 1746 a 1747, segundo o testemunho do conde de Tressan, que lhe assistiu aos funeraes, com toda a officialidade que tinha ás suas ordens em Bolonha. A viuva falleceu pouco depois, e o conego alguns annos mais tarde. Os comediantes haviam precedido seu pae no caminho do tumulo.

Eis o epitaphio singelo do grande romancista.

Cortado pela parca inexoravel  
Lesage jaz aqui sob o ataúde;  
Se jamais foi amigo da fortuna,  
Foi sempre um bom amigo da virtude.

F. M. BORDALO.

#### QUARTEL GENERAL DE OMER-PACHÁ EM SOUKOUM-KALÉ.

Kalé foi um dos mais corajosos generaes de Mahomet ou Mafoma como vulgarmente lhe chamamos; a principio que este homem obscuro e aventureiro ousou fundar uma religião nova e erigir-se conquistador, tomou contra elle armas, e concorreu para ganhar-se a batalha de Ohod, em que os de Meca derrotaram o pseudo-propheta. Posteriormente, por interesses ou quaesquer outras razões abraçou a nova seita e poz-se do lado do chefe no anno oitavo da hegira, isto é depois da fuga de Mafoma que marca a era musulmana, que teve logar a 16 de julho do anno 622 da vinda de Christo.

Contribuiu aquelle esforçado capitão com as suas proezas para a conquista da Syria e outras expedições. É provavel que em sua honra fosse imposto o nome a algumas cidades da Asia ottomana; por exemplo Soudjouck-Kalé sita na margem direita do estreito de Kertch (entrada do Mar d'Azoff) que era agora um dos fortes da raia meridional da Circassia russa, e que em razão da expedição dos alliados os russos abandonaram quando também evacuaram Anapa.

Soukoum-Kalé é outra praça forte onde ha pouco Omer-pachá, indo commandar o exercito da Asia, estabeleceu quartel general, como a estampa mostra.

#### RAINHA VICTORIA.

O duque de Clarence, Guilherme IV terceiro filho do Jorge III, depois da morte de seu segundo irmão e da filha do rei, ficou sendo o herdeiro presumptivo da coroa da Graã-Bretanha, e por fallecimento do irmão mais velho Jorge IV foi proclamado rei em 1830. Tinha casado em 1818 com uma filha do duque de Sanxe-Meiningen, mas como não teve posteridade succedeu-lhe no throno sua sobrinha actual reinante.

Alexandrina Victoria, rainha do reino Unido da Graã-Bretanha e da Irlanda nasceu em 24 de maio de 1819, e fallecendo seu tio em 1837 foi coroada em 28 de Junho de 1838, cabendo-lhe a successão como filha herdeira do duque de Kent, casou em 10 de Fevereiro de 1840, com o principe Alberto Francisco, de Saxe-Coburgo-Gotha, que nasceu, como sua augusta esposa, também em 1819, mas a 26 d'agosto, é que foi naturalisado inglez por um acto do parlamento, passado a 24 de Janeiro de 1840.

O reinado d'esta senhora já encerra duas epochas que serão para sempre memoraveis na historia:—a exposição universal da industria no palacio de cristal em Londres, e a colossal campanha do oriente.



Quartel general de Omer-pachá em Soukoum-Kalé.



## ROMANCE.

## IR A ROMA E NÃO VER O PAPA.

(AVENTURAS DE UM CAÇADOR.)

## CAPITULO V

De como o sr. Luiz Louet passou uma noite ao relento, e do que lhe succedeu nos pomares de Hyères, que não se devem confundir com os das Hespérides.

—Havia muito tempo—continuou o narrador—que eu tinha desejos de ir a Hyères, para comer laranjas apanhadas na arvore. Dei em fim ao diabo o melro. Começava a acreditar que era realmente uma ave encantada. Tinha-o visto transpôr as muralhas da cidade, e pousar n'um pomar. Vão lá achar um melro n'um pomar! E sem cão de mais a mais! Era, como se diz, agulha em palheiro!

Entrei, suspirando, n'uma hospedaria. Pedi a ceia; e, em quanto esperava por ella, fui até ao pomar da casa regalar-me de laranjas: já se vê, com a condição de m'as metterem na conta. Não sou nenhum parasita; não queria as laranjas de graça.

Estava menos cansado que na vespera, meus senhores, e não tinha andado menos. A gente costuma-se a tudo, até a correr atrás d'um melro.

Era o melhor tempo da laranja. Imaginem um bosque espesso de laranjeiras, todas carregadinhas. O jardim das Hespérides... sem o dragão. Se digo jardim das Hespérides, é pura metaphora, pois que me achava ainda em França.

—Está claro!—interrompeu Méry com uma paz de espirito incomparavel.

—Não tinha mais que estender as mãos,—foi por diante o sr. Luiz Louet.—Entrava eu já pela terceira, com casca e tudo, quando de repente, ouço cantar um melro.

—O mesmo?—interrogou Dumas.

—Agacho-me; fito os olhos n'um raio de luz que vinha do céu, e que hei-de ver entre mim e as estrellas! O melro, o sobredito, o mesmo exactamente, sem tirar nem pôr, conhecia-o já como se o tivesse criado em casa. Estava pousado... pousado a quinze passos, o muito!

Estendo a mão como para travar da espingarda... Qual espingarda! A maldicta, tinha-a eu deixado ao canto da cosinha na hospedaria. Via-a d'onde estava, toda estirada, a madraça, e não lhe podia chegar. No entanto apontava ao melro com os dedos e dizia comigo:

—Anda tractante, anda que sempre és muito feliz. Canta para ahí, canta: se tivesse a minha espingarda á mão, eu te faria cantar!

—Mas porque não ia buscar a espingarda?—perguntou um dos circunstantes.

—Sim, para o melro se me safar em quanto ia!—tornou o pertinaz caçador;—para se me sumir em desconhecidas regiões! Fôra um milagre da Providencia encontrar a outra vez: não queria perder a occasião.

Tinha já um plano. Queiram reparar bem para o argumento.

Mandei preparar a ceia,—pensava eu.—A ceia está prompta mais hora, menos hora. Em o estando, o homem da hospedaria, não me vendo apparecer, e sabendo que estou no pomar, vem, ou manda, procurar-me. A pessoa que vier digo eu logo: «faz favor, alcança-me aqui a minha espingarda.» Percebem agora?

—Profundamente combinado!—disse Méry que se tinha feito o cortejo principal do sr. Luiz Louet.

—Deixei-me pois ficar onde estava,—proseguiu este—sem tirar os olhos do melro. O descarado cantava, cantava, debicava-se, mirava-se, apurava-se, conchegava-se, fazia-se lustoso e paralta como um namorado para o primeiro encontro: era como um insulto; parecia adivinhar que o inimigo estava desarmado.

N'isto ouço passos atrás de mim. Sem voltar o rosto, aceno com a mão para recomendar silencio.

—Queira perdoar. Incommodo-o?—diz-me o dono da hospedaria em pessoa.

—Nada, não,—torno-lhe eu.—Faça favor de se chegar devagarinho,

O homem aproximou-se com toda a cautella.

—«Olhe para ali, ali... na direcção do meu dedo... isso... vê... que é aquillo?»

—«É um melro»—respondeu elle affirmando-se.

—«Justo. Caluda! va-me buscar a minha espingarda.»

—«Para que?»

—«Vá buscar.»

—«Quer matar o animal?»

—«Este animal é o meu mais encarniçado inimigo.»

—«Não duvido; mas não pôde ser.»

—«Não pôde ser o que?»

—«Não lhe pode atirar.»

—«Como? Não posso atirar ao melro! Por que?»

—«É já tarde.

—«É tarde para matar um passaro!»

—«Quem dá um tiro dentro da cidade, passando as Ave-Marias, paga trez francos e dous soldos de multa, e tem dous dias de cadeia. Veja se quer.

—«Quero, sim senhor. Irei para a cadeia e pagarei a multa, se não pôde ser por menos. Vá-me buscar a espingarda.

—«Mas eu é que não estou pelos autos. Para me da-

rem por cumplice, e fazerem-me pagar também! Nada, nada. Amanhã, em sendo dia.

—Amanhã!—clamo eu desesperado, e em voz mais alta que prudente.—Amanhã tem-me elle abalado.

—«Achará outros. Melros não faltam.

—«O caso é com este. Quero este. Bem me importam os outros! Não sabe que venho atrás d'elle desde Marseilha. Quero-o, seja como fór; quero-o, para o matar, para o depenar, para o assar, para... Vá-me buscar a espingarda.

—«Se lhe digo que não pôde ser. Não tenho appetite de ir para a cadeia de companhia com o senhor.

—«Não vae buscar a espingarda? então vou eu.

—«Ah! sim! vae? Pois digo-lhe que já o não encontra cá, o melro...

—«Que diz! Atreve-se a espantal-o?—vocifero eu ao homem, deitando-lhe a mão á vestia.

—«Prrrrruu!»—grita elle ao passaro.

Puz-lhe a mão na boca, e implorei-o contendo-me:

—«Accomode-se. Está dicto, não atiro vá-me buscar a espingarda, e dou-lhe a minha palavra que não faço fogo antes das Ave-Marias da madrugada. Palavra d'honra! A fé d'homem de bem! Está satisfeito? Vá-me buscar a espingarda. Passo a noute aqui, e, amanhã, em dando a ultima badalada, mato o melro.»

—«Ora adeus! palavra de caçador. Não me fio n'ella. Outra cousa melhor.»

—«Outra cousa, qual? Repare. Não vê? Parece mesmo que está zombando de mim, o demonio do animal. Vamos lá, diga o que tem para dizer.»

—«Deixe-se ficar ahí se quer. Eu lhe mando a ceia. Não lhe ha-de faltar nada. Depois de ceiar, se tiver vontade de dormir, estenda-se na relva.»

—«Dormir eu! Não me conhece. Não prégo olho toda a noute. Se adormeço, fuge-me.»

—«Amanhã então...»

—«Amanhã?

—«Amanhã, ao toque de Ave-Marias, trago-lhe a espingarda.

—«O senhor abusa da sua posição.»

—«Deixe-se d'isso. Pôde aceitar ou deixar de aceitar.

—«Não me quer ir buscar a espingarda? Veja bem.

—«É tempo perdido. Nem vou, nem lh'a dou. Não lh'a trago, nem lh'a deixo trazer.

—«Então mande-me a ceia, e recomende que não façam motim que o afugente.

—«Não tem perigo. Quando elle não fugiu com a algararra que lhe temos feito, já se não vae embora. Olhe, olhe... lá se deita.

Effectivamente, o animal escondia a cabeça debaixo da aza. Os senhores sabem de certo que é a maneira de dormir de quasi todos os volateis.

—Sabemos, sabemos.

—Logo vi. Com a cabeça debaixo da aza não me podia vêr, de forma que se, em vez de estar a quinze pés d'altura, me estivesse ao alcance, não havia nada mais facil do que chegar-me, pé entre pé, e pegar-lhe como pego n'este copo de ponche.

Desgraçadamente, estava muito alto. Assentei-me portanto á espera da ceia. O homem foi de palavra. A verdade acima de tudo: era boa pessoa o dono da hospedaria. O vinho não era mau... não tão bom como o que nos deu, sr. Méry... mas muito soffivel, e a ceia succulenta... tambem se não compara com a d'esta noute, que a desta noute era uma ceia de Balthazar... o Balthazar da escriptura, advirtam... mas enfim, para ceia de hospedaria, não havia que dizer.

Os circunstantes celebraram devidamente a cortezia e a intelligencia gastronomica do sr. Luiz Louet, que atou o fio do seu discurso deste modo:

—Como é fragil o homem e como são incertas as suas resoluções!

—Reflexão altamente philosophica,—ponderou Dumas.

—Ainda bem não tinha ceiado,—seguiu o narrador depois de agradecer com o gesto—ainda bem não tinha ceiado, sinto-me a cair de somno. Fechavam-se-me os olhos sem eu querer. Arregalava-os, esfregava-os, beliscava as côxas, trincava as pontas dos dedos... Era o mesmo que nada. Não dava accordo de mim. Tanto valia adormecer. Deixei-me dormir.

Dormindo, parecia-me ver a arvore em que pousava o melro, como as arvores do theatro de Marselha,—que é um theatro perfeitamente mechanizado,—a soverter-se pouco a pouco pelo chão, até me ficar a copa ao nivel do peito. Figurou-se-me que estendia o braço e apanhava o melro á mão.

Com este movimento acordei.

O melro estava ainda no mesmo lugar, e na mesma postura.

Espertei de todo, e não tornei mais a dormir.

Ouvi as duas, ouvi as tres, ouvi as quatro... Amanheceu enfim. O melro acordou tambem, e começou a voltear e a chilrear com um desembaraço e um desfastio que me desafiavam mil imprecações.... Eu dava-me a perros, temendo a cada passo que levantasse o vôo... Por fim, ouvi as primeiras badaladas das Ave-Marias... Nem respirar podia com a ancia.

O dono da hospedaria não me faltou. Ao primeiro toque appareceu com a espingarda.

Eu fiz-lhe signal para que se despachasse; mas o mal-

dito não me quiz entregar a espingarda sem ouvir bater a ultima pancada do sino.

Quando m'a ía a dar.... o melro soltou um pio.

Como para saudar o sol nascente!

E vôou!

Continúa.

MENDES LEAL JUNIOR.

## O ADOLESCENTE.

Os sonhos d'adolescencia  
Entretece-os a innocencia  
De crenças e d'illusões;  
Os venenos da incerteza  
Não lh'os deu a natureza,  
Que fôra em tanta pureza  
Vasar o fel das paixões.

É fervente a caridade  
Que se tem n'aquella idade,  
Como a dos anjos de Deus;  
D'essa chamma nasce a esp'rança,  
D'ambas cresce a confiança  
N'uma bemaventurança  
Sem fim nos jubilos seus.

Na aurora da juventude  
Vê-se em sonhos a virtude,  
Crê-se em quanto ella nos diz;  
Então cuida a phantasia  
Encontrar á luz do dia  
A imagem que nos surria  
N'aquelles sonhos gentis.

É mui profundo o abysmo,  
Que separa o egoismo,  
Da rigida abnegação;  
Mas disfarçam-lhe os horrores  
Cá na terra as mesmas flores  
Que escondem co'as suas cores  
Soterrada podridão.

A vaidade é generosa,  
A avaresa, cautelosa,  
Não dá, para não pedir;  
Mas dando, ou sendo mesquinha,  
Qualquer das duas sósinha  
Faz um papel de rainha  
Que se costuma applaudir.

Certa mascara indulgente  
Que muitas vezes nos mente  
Encobre ações das mais vis;  
Enobilita-se a idéa  
Que é de si proterva e feia  
Em frase que lisongeia  
Os ouvidos juvenis.

É prudencia a covardia,  
Piedade, a hypocrisia,  
A priguica é ocio e paz;  
É bravura a crueldade,  
O vicio é fragilidade,  
Segundo em vão persuade  
Do mundo a lingua fallaz.

A miseria é necessaria  
Para ser-lhe tributaria  
Da opulencia a compaixão.  
Chama-se ao roubo, conquista;  
Fulmina-se o socialista:  
O sincero, é utopista;  
É a inveja emulação.

E isto assim se acredita  
N'aquella idade bemdita  
Em que predomina a fé;  
A alma recebe e não pensa,  
Como fez á luz da crença,  
Tudo acceta sem differença  
Ingenua e pura como é.

Lêem-se as paginas da historia:  
Nadando em sangue a victoria  
Crôa a fronte ao vencedor;  
Sonha-se então com a guerra  
E co' os árbítrios da terra  
De quem vão capricho encerra  
Tão selvatico furor.

Sabem-se os versos d'Horacio,  
Ama-se a falla do Lacio.  
Adora-se o povo—rei,  
Republicano absoluto  
Que um clero potente e astuto  
Conservava dissoluto  
Co' o fanatismo por lei.

Sonha-se co' os velhos Lares,  
Co' os mil deuses tutelares  
D'essas eras que lá vão;  
Quer-lhes tanto o adolescente  
Porque traz absorta a mente  
Só no que lhe represente  
O bello ideal pagão.

Entretanto aquelle peito  
Não se julga satisfeito;  
Punge-o secreto pezar:  
Na sua credulidade  
Espera a felicidade  
Da intensa necessidade  
Que ainda sente de amar.

Ama as florinhas do prado,  
Ama as rosas do vallado,  
Ama a pomba e o rouxinol;  
Ama as sombras do arvoredado  
E o solitario penedo  
Onde vae de manhã cedo  
Esp'rar o nascer do sol.

Ama o pobre, porque é pobre;  
O fidalgo, por que é nobre;  
Ama o rico, como o plebeu;  
Ama as fitas e as veneras,  
Ama os braços d'outras eras,  
Ama os cordeiros e as fêras,  
Não tem limite amor seu.

Mas que sombra feitiçeira  
Lhe revôa á cabeceira  
Em seus sonhos virginaes?  
Na voz, no gesto e figura  
Tem dos anjos a doçura,  
Das fadas, a formozura,  
A modestia das vestaes.

Na vigilia, o pensamento  
Não lhe repousa um momento,  
Nem pertende despertar!  
Solto dos terrenos laços  
Segue um vulto nos espaços,  
Que lhe estende meigos braços  
Para mais o enfeitiçar.

Da virtude o porte austero,  
O rosto nobre e severo,  
Não foi o que elle sonhou;  
As estatuas fabulosas  
São de neve, mas sem rosas;  
Se tem formas voluptuosas,  
Rijo marmore as gelou.

E no vaporoso vulto  
A quem rende vivo culto  
No altar do seu coração,  
Os olhos adormecidos  
Viram-se n'outros perdidos,  
Abrazando-se os sentidos  
À luz da imaginação.

Ama-se então essa imagem:  
Abre-se ignota voragem;  
Surge o serpente do pó.  
N'aquelle sonho dilecto  
Emprega-se todo o affecto;  
Arde em delirio o indiscreto,  
Porque n'elle o emprega só.

—Do teu feliz optimismo  
Que tomava o egoismo  
Por virtude e por valor,  
Que fizeste incauto moço?  
Derribou-t'o o alvoroço  
De ergueres outro colosso  
No teu phantastico amor?

—Snspiras? Então padeces.  
Tu cantavas?! emudeces.  
Amavas tudo?!... já não.  
Que desejas? tudo e nada...  
Trazes a alma transformada  
Desde que á sombra encantada  
Immolaste o coração.

—Mas se eu torno sempre a vel-a...  
—Onde?—Vejo-a em cada estrella,  
Que alli no ceu me seduz;  
Vejo-a na flor innocente,  
Que emballa a briza indolente;  
Vejo-a em tudo quanto sente,  
Mostram-m'a as trevas e a luz.

Correram trez primaveras  
—Como outr'ora, inda hoje esperas,  
Crendo em teus sonhos febris.  
Em lagrimas e agonias  
Mudaram-se as alegrias  
Do eden em que vivias  
N'outro tempo tão feliz.

—Mancebo, não desanimes;  
Os esforços são sublimes  
D'essa tua aspiração  
Avante, ávante, procura  
A impossivel creatura  
Creada pela candura  
Com que senhavas então.

Esse espirito celeste,  
Qual a minha alma o reveste,  
Apenas serão ficções;...  
Inutilmente o procuro:...  
—Sempre, sempre eu t'o juro  
N'esse turbilhão impuro  
De ephemeres affeições.

—Caricias, festas e riso  
Floriram-te o paraíso  
Do teu namorado abril,  
Illusões, crenças e amores,  
Quaes matutinos alvares,  
Foram como os precursores  
D'um delirio juvenil.

—Tinhas fé immaculada,  
Esperança illimitada  
Nas fragoas do teu amor.  
Resumiu-se todo o affecto  
N'esse imaginario objecto;  
Divagou-te o animo inquieto  
Co'o phantasma seductor.

Agora que desespera  
De encontrar uma chimera,  
Que fez elle? duvidou.  
Duvidou de si primeiro,  
Duvidou do mundo inteiro,  
Duvidou por derradeiro  
De tudo que mais amou.

—Eras feliz; foste ousado;  
Quizeste o pommo vedado  
As terreaes solidões,  
Abalaram-se-te as crenças,  
Não pensavas como pensas,  
É por que são hoje immensas  
As tuas hesitações.

—Hesitas co'a amizade,  
Hesitas com a verdade,  
Com tudo hesitas-te em fim;  
E da tua adolescencia,  
Resta um marco na existencia:  
Onde escreveu a innocencia,  
«Tenho saudades de mim!»

LUIS FILIPPE LEITE,

#### STERNE.

Lourenço Sterne, o famoso autor da *Viagem Sentimental*, nasceu em Clonmel, no sul da Irlanda, a 24 de novembro de 1713. Seu pae era um bravo militar, com poucos meios de fortuna, e que fez partilhar ao joven Lourenço, quasi desde o berço, a vida aventureira dos campos de batalha e das viagens maritimas. Antes de completar seis annos d'idade já o nosso Sterne estivera duas vezes em perigo de perder-se nas tormentas do Oceano.

Foi bastante tarde que lhes deram mestres de ler e escrever; mas logo nas escolas se reconheceu o seu merito. D'esse tempo conta o proprio Sterne a seguinte anecdota: Acabavam de cair o tecto da casa; a escada ainda estava encostada á parede, e o adolescente subindo os degraus, armado de um pincel, escreveu em letras capitales o seu nome: *Lourenço Sterne*. O ajudante do professor que viu a ascensão, fustigou-o severamente, porém o mestre ordenou que não se apagassem jámais aquellas letras, porque era o nome de uma criança de genio, que viria a elevar-se um dia sobre o commum. A prophécia realisou-se!

Em 1732 entrou na universidade, depois obteve um beneficio ecclesiastico em York, e casou-se em 1741. Também acerca d'este consorcio conta Sterne outra anecdota interessante. A senhora que elle requestava, julgava-se pouco rica ou suppunha-o muito pobre, para se unir a Sterne. Um dia, que se achou bastante doente, disse-lhe: «Meu caro Lourenço, nunca vos pertenceréi, porque creio que pouco tempo de vida me resta; mas deixo-vos toda a minha fortuna. E mostrou-lhe o testamento. Porém não morreu, restabeleceu-se, e desposou o seu projectado herdeiro.

Sterne adorava sua mulher, sua filha, os livros, a musica, a pintura e a caça, vivendo em doce paz, por vinte

annos, em Stilton, quando em 1760 se resolveu a visitar Londres para imprimir os primeiros volumes de *Tristram Shandy*, obra que lhe alcançou bastante celebridade e dinheiro, e que o autor proseguiu até ao nono volume, apesar de toda a opposição da critica, e de uma lucta constante com os seus inimigos—quasi todos homens de letras da Inglaterra.

Publicou além d'isso seis volumes de sermões, e imprimiu outros em separado. Para restabelecer a sua saúde, gravemente affectada, viajou em França e na Italia; depois voltou a York, e d'ahi regressou a Londres em 1767, para fazer publicar a sua *Viagem sentimental*, o maior padrão da sua gloria. A 18 de março de 1768 deixou de existir!

Sterne era alto e magro, e tinha todas as apparencias de phisico. Posto que as suas feições exprimissem os sentimentos e emoções que experimentava, annunciavam igualmente um espirito satyrico e escarnecedor. A sua conversação era animada e espirituosa, mas Johnson o taxava de extraordinariamente livre. O seu caracter era volúvel e desigual, consequencia de um temperamento irritavel, e da falta de saúde. Segundo o testemunho do seu fiel creado *La Fleur*, o dinheiro de Sterne estava sempre prompto para soccorrer a indigencia. Em compensação d'isso demonstrou *Ferrier* os grandes plagiatos que o autor de *Shandy* operára sobre Robelais, d'Aubigné, Burton e outros. Sobre este ponto, chegou tão longe o sangue-frio de Sterne, que deu como sua uma declamação alheia contra os plagiatos!

«Zorick, o alegre, o espirituoso, o sensível, o descuidado cura (diz Walter Scott) não é senão o proprio Sterne, e não podemos duvidar que este retrato, semelhante ao de um mestre d'arte que se pinta a si mesmo, deixe de ter grande similitude com o original. Não acreditamos comtudo que os seus gracejos sejam inteiramente despidos de intenções malignas, nem que as suas satyras revelem tão sómente a inspiração de uma boa alma, ou de um humor jovial. Devemos confessar igualmente que mais depressa Sterne se teria apoderado de uma passagem de Stevinus, que lhe pudesse ser util, do que descuidar-se de algum dos seus manuscritos com a indifferença de Zorick. Reconhecemos todavia, como prazer, que existe uma tal ou qual similitude entre o auctor e a sua criação, e perdoamos de bom grado ao pincel que, n'aquelle trabalho delicado, suavizou certas feições e lisongeu outras.»

Apesar de tudo, Sterne deve ser considerado como um dos escriptores mais originaes da Gran-Bretanha, e como um inimitavel pintor dos sentimentos mais delicados do coração humano.

F. M. BORDALO.

#### CHRONICA SEMANAL.

Lisboa foi ultimamente theatro d'uma tragedia bem sinistra e negra, que impressionou profundamente os seus habitantes. O conselheiro Bayard, homem digno a todos os respeito da consideração publica, foi covarde e aleivosamente assassinado na noite de 23 de Janeiro, quando se recolhia para sua casa, sendo o assassino um dos seus criados, que ali o esperava, recompensando d'esta forma os beneficios que tinha recebido de seu generoso amo.

Poucos homens podiam julgar-se tanto ao abrigo de semelhante fim, como o conselheiro Bayard, que em toda a sua vida tanto publica como particular, tinha grangeado uma reputação de honestidade, bem rara n'esta epocha.

Intelligente e instruido, ameno e espirituoso na conversação, agradável e cortez no tracto familiar, tinha conseguido conquistar verdadeira sympathia, a ponto de atravessar a crise da revolução de 1846, sendo ministro, sem crear inimigos.

Assistiram ao seu funeral as primeiras notabilidades do paiz, prestando assim a devida homenagem á sua memoria.

Em S. Carlos deu-se a *Betty*, uma das composições mais mediocres de Donizetti, que não agradou. O desempenho foi ainda muito inferior á opera, contribuindo para lhe precipitar mais depressa a catastrophe. Nos annos do theatro lyrico não ha exemplo d'uma companhia assim!

O que vale é a esperanza que nos dão, de ouvirmos brevemente a *Sannazaro* que nos affirmam achar-se já n'este momento em viagem para Lisboa. Bemvinda seja a *Sapho italiano*, titulo este com que a baptisáram os estudantes de Pavia, n'um momento d'enthusiasmo expansivo e frenetico. A joven cantora deixou-nos saudades que estão ainda tam vivas como no momento em que nos deixou, para ir conquistar novos applausos e cordões: a sua chegada vem suavizar-as para depois as sentirmos mais fundas. S. Carlos estava morto lyricamente, vem resuscital-o. Bemvinda.

*Stoltz e Sannazaro*, sam as duas cantoras que melhor attingem o sentimento no canto, das que temos ouvido. Também nos promettem *Tamberlick*, para os ultimos dous mezes d'esta epocha theatral. Se tudo isto se realizar, contamos ainda passar algumas noites deliciosas no theatro lyrico, indemuizando-nos assim, dos continuados *charivaris*, com que nos tem m'oçado até agora.

Saint-Léon, apresentou ao publico de S. Carlos, uma sensaboria, que intitulou baile jocoso, e que não parece composição do illustre coreographo. O *Triumvir amoroso*

ou muitos espinhos e nenhuma rosa, para os que tiveram a desgraça de o ver; é uma arlequinada que nem o merito tem de provocar o riso. O publico pateou e fez bem.

Está annunciada para o beneficio de mr. Minne, *Les folies dramatiques*, peça carnavalesca, mas na nossa opinião pouco propria do theatro em que vai ser representada. Depois de a ver-mos, diremos francamente a nossa opinião, e os motivos em que fundamos a nossa censura.

No theatro normal (portuguez) ensaia-se um drama para o carnaval, e não sabemos se uma farça para a quaresma! Já se vê, que é sorte andar tudo ali sempre ás vassas. Parecem apostados a dar cabo d'elle, e hão de conseguil-o. Pobre arte dramatica! Estás fadada n'este paiz, a ser o manto com que se acobertam interesses e caprichos particulares. Saímos de *Scylla* e fomos cair em *Caribides*. Talvez um dia entremos n'esta questão, mas reservamos-lhe um quadro especial.

Thalberg, o insigne pianista cedeu a beneficio dos pobres o producto do seu ultimo concerto. É uma acção que honra o artista, nobilitando a arte.

Representaram-se no Gymnasio duas comedias novas, *Util e agradável* imitação d'um vaudeville, *Madame André*, que tem scenas muito delicadas e habilmente conduzidas, e a *Trempe de calças*, cuja genealogia ignoramos, mas a não desmentir a descendencia, é uma sensoria a toda a prova, escripta n'um estylo mascavado e grosseiro.

O enredo da primeira é ligeiro, natural e cheio de simplicidade. Uma mulher espirituosa e intelligente, casou com um homem, a quem faltam inteiramente estes dous predicados; razão talvez da sympathia que os levou ao altar. D'esta desigualdade, nasce o trocarem-se os papeis adequados a cada um, passando a mulher a desempenhar os encargos do marido e vice-versa. Vivem assim na mais perfeita harmonia por muito tempo, até que a chegada d'um maldicto primo (saloio de mais a mais) vem perturbar aquella santa paz conjugal. Extranha ver a figura passiva que ali faz o seu parente, censura-o e aconselha-o a reassumir o lugar que lhe cumpre, não se deixando governar despoticamente por sua mulher. O pobre do homem offendido no seu amor proprio, enche-se de resolução, e trata de reconquistar os seus direitos. Não acha obstaculo, porque a esposa cede benevolamente a tudo, mas a sua ineptia e ignorancia, levam-o a commetter tanta asneira, que se vê obrigado a restituir-lhe a gerencia dos negocios para escapar á ruina.

Ao sr. Isidoro cabem as honras do desempenho d'esta comedia, caracterizando com verdade o primo saloio, e

tirando verdadeiro partido das scenas comicas. No papel do marido o sr. Romão foi mediocre, como quasi sempre.

Segundo lêmos no jornal a *Patria* o nosso espirituoso e distincto escriptor Antonio de Serpa, vai publicar uma serie de folhetins com o titulo de *Memorias Extemporaneas, Lisboa no seculo XX* que suppomos ser mais uma satyra pungente, como outras já saídas d'aquella penna aparada em bicos finamente epigrammaticos. Da indole de tal escriptor póde-se e deve-se esperar tudo.

ERNESTO BIESTER.

#### OS COSTAS DE AMSTERDAM.

A familia Nunes da Costa, de crença judaica, mas de naturalidade portugueza, compoz-se de uma serie de negociantes de muito credito e posses, estabelecidos na republica hollandeza. e que prestaram ao governo portuguez valiosos servicos.

No anno de 1644 expoz elrei D. João IV ao seu conselho o desejo que tinha de empregar em agencia util á fazenda do estado Duarte Nunes da Costa, o qual por ser judeu motivou escrúpulos de alguns ministros, porem ponderando todos o negocio com maduresa concluíram em que a corôa não havia de entregar-se a escrúpulos, mas sim dar-se ás diligencias de buscar pessoas convenientes á causa publica; e por unanime acôrdo deliberaram no sentido da proposta do monarcha.

Antes da gloriosa revolução de 1640 já Duarte Nunes da Costa tinha sido empregado no serviço do principe D. Duarte de Bragança, que com superior cargo militava no exercito do imperador Fernando II; e Duarte Nunes se mostrou muito zeloso não só das cousas relativas ao principe, como tambem de toda a real casa de Bragança, á qual prestou grandemente. Foi essa a causa porque el-rei D. João IV, informado plenamente da fidelidade de Costa a respeito do principe seu irmão, o propoz ao seu conselho, com o parecer do qual, por uma patente muito ampla, no anno de 1641 o declarou seu ministro residente na cidade de Hamburgo.

Neste emprego sollicitou o Costa com muita diligencia tudo o que podia servir de interesse á corôa de Portugal, sendo quem naquella tempo enviou de Hamburgo a Lisboa o primeiro soccorro de armas e munições de guerra que embarcou em dous navios. Esta acção que serviu de exemplo a outros que soccorreram depois Portugal, admirou os ministros portuguezes que não podiam achar termos bastante expressivos para louvar condigna-

mente o zelo com que o dito residente procedia, obrando de maneira que ao mesmo tempo mostrava grande capacidade, e notavel talento nos negocios d'estado. Por isso recebeu cartas de el-rei com agradecimentos tão particulares que admiram aos que, por não attenderem bem á constituição da sociedade civil, se persuadem que os louvores e os premios se não devem tanto a um judeu que serve bem, como os castigos a um christão que obra mal. «Se este homem não fosse judeu (continua Xavier d'Oliveira em suas viagens) é certo que faria grande fortuna em Portugal. Em Alemanha não havia principe que o não conhecesse e que o não estimasse, servindo-se muitos da sua pessoa em differentes e graves conjuncturas. Fez-se amar geralmente; e isso se viu depois da sua morte, sendo acompanhado até á sepultura por mais de trinta carruagens a seis cavallos, de diversos ministros e senhores, principalmente lutheranos.

Deixou quatro filhos dos quaes o primogenito foi Jeronymo Nunes da Costa. Este ainda em vida de seu pae foi mandado por elle á corte da Haya para assistir como mais intelligente nas linguas portugueza, flamenga, italiana e franceza a D. Tristão de Mendonça, embaixador d'elrei D. João IV aos estados geraes; e a este ministro prestou importante auxilio, e tambem a Francisco de Sousa Coutinho, successor de D. Tristão na embaixada. Estes dois ministros lhe chamavam o braço da corte de Portugal na Haya, e informando a mesma corte dos relevantes servicos que tinham recebido deste nomeadissimo judeu, se lhe expediu no anno de 1645 o diploma de agente da corôa portugueza; continuando neste exercicio com distincção digna de maiores premios se lhe passou no anno immediato carta de nobreza, que textualmente copiaremos.

Continúa.

#### ALDEIA DE POPROVA.

Esta povoação que dista de Kinburn quatorze milhas é habitada por gente de origem tartara; e tanto a ella como á de Petrowska, representada em o nosso antecedente numero a pag. 29, fizeram as tropas alliadas da guarnição de Kinburn alguns reconhecimentos ainda no principio de dezembro ultimo. No começo d'este anno o mar até distancia de duas leguas da costa estava completamente gelado, de forma que as canhoneiras francezas estavam encravadas e presas no gelo; em caso de ataque operariam como outros tantos fortes dispersos e que compozessem uma circumvallação exterior da praça.

pachos authenticos do conde Esterhazy.

Algumas indicações respectivamente á circular do conde de Nesselrode foram appresentadas por uma folha estrangeira. N'ella declara o chanceller da Russia que esta não carecia da paz, mas que unicamente accedia ás representações que lhe foram dirigidas pelas potencias amigas; e contudo, esta linguagem é plausivel, visto que é nascida de um justo sentimento de orgulho nacional.

O *Times* continuava a declarar a necessidade de uma suspensão de hostilidades, mas requeria que em todo o caso se exceptuasse do armisticio o bloqueio dos portos russos. É-lhe indifferente o bom exito das negociações, pois que, em seu conceito, se a Russia repellir o tratado que se lhe propoz, a Inglaterra confia em que poderá obter outros resultados mais vantajosos.

O *Globe*, folha ministerial da tarde e tambem de Londres, assegura que os preparativos de guerra não tem soffrido paralisação alguma, antes progredem com a mesma energia, e assim irão em quanto não constar definitivamente que não se realizará a proxima campanha, como estava delineada.

O governo austriaco parece que gaarda um procedimento e systema diametralmente opposto ao do gabinete inglez: intimou aos jornaes de Vienna que manifestem confiança absoluta em tudo que diz respeito ás negociações, e mandou recolher a folha que se intitula o «Danubio» porque tinha exposto algumas duvidas.

Os philharmonicos de Vienna, depois de celebrarem no dia 3 de dezembro ultimo o anniversario da morte de Mozart, preparavam para 23 de janeiro outra função mais esplendida, porque era esse o centessimo anno do nascimento do illustre compositor. O famoso pianista Liszt dirigiria o grande concerto composto cenicamente das obras do auctor do «D. Giovanni». Todas as principaes cidades de Alemanha dispõem-se a celebrar dignamente a mesma festa; e a municipalidade de Vienna pertende dirigir á memoria de Mozart um rico monumento.

#### NOTICIARIO.

O nosso parlamento votou, e a corôa sancionou a lei que prorroga até 31 de Março de 1857 o prazo para a troca e giro das moedas de ouro e prata mandadas retirar da circulação. Ainda por muito tempo, em presença das circumstancias que aconselharam esta medida, teremos o ouro inglez como principal moeda circulante. É muito para lamentar que o governo não esteja habilitado para mandar cunhar moeda de ouro de 2:500; e ainda a esta falta acode em certo modo o numero de meios soberanos que anda no mercado.

Os boatos que ha dias se espalharam de recomposição ministerial, ignora-se d'onde saíram e quaes os fundamentos: o presidente do conselho respondendo a uma interpegação na camara hereditaria, declarou que eram falsos.

Os jornaes de Londres vindos pelo paquete confirmam as esperanças de predisposições já annunciadas para se entabolar a paz. Vem cheios de descrições de fatalidades ocasionadas pelo mais tenaz e duro inverno, de que ha muitos annos não ha memoria; os naufragios no canal da Mancha, pelo numero e importancia dos commercos perdidos tem causado gravissimos prejuizos ao commercio. Nós tambem temos a lastimar alguns sinistros, que não particularisamos por não estarem bem averiguados. No sabbado ultimo, a tripulação, passageiros e dono da galera *Gratidão* fizeram na parochial de Santos o velho, uma sumptuosa festividade a Nossa Senhora da Bonança, para cumprimento do voto da gente do navio, no arriscado lance em que se viram a lutar com a morte.

Por essas terras das provincias tem sido espantosos os damnos. Hontem nos contaram que a igreja da Alhandra fabrica antiga, situada em altura sobranceira á povoação, aluiu e rachou apresentando largas fendas; a ruina que se presume imminente é causa de que os curiosos a vão espreitar muito de longe.

Pelo que respeita ás noticias de paz, o *Times* que é a folha estrangeira de mais recente data declara ter recebido do seu correspondente em Vienna d'Austria uma par-



Aldeia de Poprova.

ticipação telegraphica em a qual se diz que a Russia propoem que, desejando ver a paz verificada com a possivel brevidade, os preliminares desta sejam assignados em Paris.

Suppoem-se que celebrando-se as conferencias na capital da França, a Inglaterra será ahi representada por lord Palmerston; e constava que a Russia nomeava para o mesmo fim mr. Erünow e o gabinete austriaco o seu ministro conde Buol.

No dia 24 de janeiro findo vogou com muito credito que definitivamente se havia estipulado o armisticio entre as partes belligerantes. Não era isto de acreditar, attendendo a que os trabalhos ordinarios de semelhante casta de negociações não permitem que possa estipular-se um armisticio formal antes de assignados os preliminares. Por outro lado, não é tambem possivel que os preliminares possam receber as assignaturas em quanto não forem communicadas officialmente ás potencias alliadas as propostas austriacas já revestidas da acceitação russa; não era, pois, de admirar que decorram alguns dias antes, de se saberem noticias positivas das negociações. Accresce que no dia 24 ainda em Vienna se esperavam os des-